São Dionísio, Dâmaris e Hieroteu

I

Perseguido pelos judeus de Tessalônica, são Paulo foi obrigado a deixar precipitadamente a cidade de Beroia, onde fora bem acolhido. Tendo-se embarcado, aportou em Atenas. Era o ano 52 de Nosso Senhor, décimo do imperador Cláudio, sob o consulado de Caio Antístio e de Marco Suílio. A convite dos filósofos atenienses, foi ao Areópago, onde pronunciou o imortal discurso que todo o mundo conhece, ou deveria conhecer.

II

Os Atos dos Apóstolos, capítulo XVII, versículo 32 e seguintes, nos ensinam qual foi o efeito desse discurso:

> *E quando ouvirão a resurreição dos mortos, huns na verdade fazião zombaria, e outros disserão: Outra vez te ouviremos sobre este assumpto. Assim sahio Paulo do meio d'elles. Todavia alguns varões aggregando-se a elle, abraçarão a fé: entre os quaes foi não só Dionysio Areopagita, mas tambem huma mulher por nome Damaris, e com elles outros.*

III

O Areópago, que significa Campo de Marte, era o lugar onde se reuniam, três vezes por mês, os grandes juízes de Atenas, chamados areopagitas. Conheciam sobretudo das causas criminais e proferiam seus julgamentos durante a noite, para não serem testemunhas das lágrimas dos condenados. Sua integridade passou por algum tempo por irrepreensível. Segundo são João Crisóstomo, são Paulo foi ali chamado não para ensinar a divina doutrina, mas para ouvir-se condenar à morte, como inimigo dos deuses ou perturbador da tranquilidade pública.[1] São Paulo encontrou ali as três espécies de ouvintes cuja raça é eterna: os zombadores, os indiferentes e as almas de boa vontade. No número das últimas estiveram são Dionísio, Dâmaris e Hieroteu.

IV

Sabia que Dionísio não era simples membro do Areópago, mas que era seu presidente. Uma circunstância particular o dispunha a ouvir favoravelmente o grande Apóstolo. Como vários filósofos gregos, Dionísio fora buscar a ciência no Egito, reservatório lodoso, é verdade, mas contudo reservatório precioso das tradições vindas da Palestina.

A 25 de março, por volta do meio-dia, do ano 34, achava-se no Egito, na cidade de Heliópolis, com outro filósofo chamado Apolófanes. Ali ambos foram testemunhas do eclipse do sol que teve lugar na morte de Nosso Senhor. Em suas cartas a são Policarpo e ao mesmo Apolófanes, Dionísio narra o fato, para eles então incompreensível e para todos cientificamente inexplicável.

V

Diz:

> *Estávamos juntos em Heliópolis; como tu, tinha eu cerca de vinte e cinco anos quando, na sexta-feira, por volta da sexta hora, o sol foi de repente coberto de densas trevas. Achamo-nos nós mesmos na noite. O pavor que nos tomou era tanto maior quanto nossos conhecimentos dos astros nos demonstravam a impossibilidade de um eclipse do sol nessa época.*

> *Por volta da nona hora, o sol recobrou pouco a pouco sua luz. Perguntei-te então: "Apolófanes, o mais sábio dos homens, que pensas desses prodígios?" Respondeste uma palavra que jamais se apagará de minha memória: "Meu caro Dionísio, é a subversão das coisas divinas." E exclamei: "Tens razão: ou o Deus da natureza sofre, ou a máquina do mundo se desconjunta: Aut Deus naturæ patitur, aut machina mundi dissolvitur."*

> *Anotei com cuidado o dia e o ano. Mais tarde, vendo que os prodígios concordavam com o ensino do divino Paulo, abracei a verdade. Livre dos laços do erro, professo agora a verdade e a comunico a ti.*

VI

São Dionísio nos ensina que tinha vinte e cinco anos na morte de Nosso Senhor. Ora, o grande Apóstolo veio pregar em Atenas no décimo nono ano depois da Paixão, ou no quinquagésimo segundo ano desde o nascimento do Salvador. São Dionísio tinha, pois, quarenta e quatro anos quando se converteu. Durante três anos permaneceu na escola de são Paulo e fez tais progressos que seu sublime conhecimento dos divinos mistérios fez e fará sempre a admiração dos séculos.

VII

Consagrado bispo de Atenas pelo próprio são Paulo, propagou maravilhosamente a fé nessa cidade, mais difícil que qualquer outra de converter. Com seu caro mestre, subiu a Jerusalém e assistiu aos funerais da Santíssima Virgem. De volta a Atenas, escreveu uma carta de consolação a são João, exilado na ilha de Patmos. Nessa carta, do ano 97 de Nosso Senhor e décimo quarto de Domiciano, prediz ao Apóstolo bem-amado sua próxima libertação. Ela se deu, com efeito, dois anos depois, sob o reinado de Nerva.

VIII

De volta a Éfeso, são João enviou são Dionísio a Roma, junto ao papa são Clemente. Por sua vez, são Clemente confiou ao santo bispo de Atenas o apostolado das Gálias. Acompanhado de Rústico e de Eleutério, foi a Paris, que evangelizou com grande êxito. Depois de longos trabalhos e grandes sofrimentos, assinou com seu sangue, como era então o costume, a verdade de suas pregações. Ele e seus companheiros foram mortos numa colina vizinha de Paris que, em razão desse fato, ainda hoje traz o nome de Montmartre, monte dos Mártires.

IX

Era sob o reinado de Adriano, no ano 119 de Nosso Senhor: o venerável pontífice tinha cento e vinte anos de idade. À sua morte teve lugar um milagre inaudito, que não contribuiu pouco para a firmeza da fé. A cabeça do santo acabava de cair sob os golpes da espada. O santo se abaixa, toma-a nas mãos e a leva como em triunfo, por mais de meia hora, ao canto dos anjos que celebravam a vitória do mártir sobre a morte e sobre o tirano.[2]

X

Os Atos dos Apóstolos nos dizem que uma mulher chamada Dâmaris e vários outros se converteram ao discurso de são Paulo diante do Areópago. Quem era Dâmaris? Já que o historiador sagrado, sempre tão sóbrio de pormenores, julgou dever nomeá-la, é preciso que Dâmaris tenha sido uma mulher mais que ordinária. Com efeito, são João Crisóstomo nos ensina que era a mulher de são Dionísio, o príncipe do Areópago: *Areopagita vero ille superstitiosissimæ urbis illius Civis, nonne ex sola ejus concione, cum uxore sequutus est eum?* (

> *E aquele Areopagita, cidadão daquela cidade supersticiosíssima, não o seguiu, com a esposa, só por sua pregação?*

)[3]

Dionísio e Dâmaris, dois magníficos peixes, tirados do mar tenebroso do paganismo, na própria capital da incredulidade; que belo lance de rede! A isso, contudo, não se limitou o êxito da pesca apostólica.

A certeza de seu apostolado em Paris e a autenticidade de suas obras estão agora fora de dúvida. É preciso ter tido a audácia dos críticos jansenistas e galicanos para negá-las. Ao fazê-lo, insurgiam-se contra a constante tradição da França. Eis um exemplo: São Luís dos Franceses é uma igreja de Roma, edificada pela França no fim do século XVI. É dedicada à Santíssima Virgem, a são Dionísio Areopagita, apóstolo de Paris, e a são Luís, rei da França. Eis um segundo fato. Há quatro anos, apresentou-se ao Santo Padre o Próprio da diocese de Paris. A lição de são Dionísio deixava ainda dúvida sobre a personalidade de são Dionísio Areopagita como apóstolo de Paris. Pio IX respondeu: «*A Igreja só conhece um são Dionísio: são Dionísio Areopagita, apóstolo de Paris*»; e Sua Santidade mandou refazer a Legenda.

XI

Entre os outros convertidos que o texto divino se contenta em indicar, há um, célebre entre todos, cujo nome a tradição, guardiã zelosa de nossas glórias cristãs, conservou: é Hieroteu. Em seu livro dos *Nomes divinos*, são Dionísio considera Hieroteu como seu mestre; dá-lhe os maiores elogios e julga dever justificar-se de que, depois dele, se permita escrever sobre as ciências divinas.

> *Preciso — diz — justificar-me. Tendo Hieroteu, meu ilustre mestre, escrito maravilhosamente sobre a teologia, pode-se perguntar por que trato da mesma matéria, como se suas obras não bastassem? Respondo que, se ele tivesse explicado em pormenor todas as partes da ciência, jamais eu teria sido insensato a ponto de crer que seria mais hábil que ele ou de fazer uma obra ao lado da sua, repetindo as mesmas coisas. Seria uma injúria que eu faria a meu mestre e a meu amigo, a essa sublime inteligência de quem, depois de são Paulo, aprendi o que sei.*

XII

> *Mas, tendo-se contentado em expor os princípios gerais da ciência, deu-nos o cuidado, a nós instrutores dos espíritos vulgares, de desenvolver em pormenor e explicar com método e em linguagem conveniente os profundos mistérios entrevistos por sua alta inteligência.*

Noutro lugar, declara-o superior a todos os doutores, põe-no na primeira fila depois dos Apóstolos. Tal elogio da parte de são Dionísio, que passa pelo mais sublime de nossos teólogos, nos dá a medida da ciência e do gênio de Hieroteu. Infelizmente já não temos as obras desse mestre incomparável.

XIII

Quem era Hieroteu e onde haurira esses conhecimentos sobre-eminentes? Todos os historiadores espanhóis, Pineda, Villegas, Marieta, Morales, afirmam que Hieroteu era originário da Espanha, que foi a Atenas com a intenção de instruir-se e que, em lugar dos sofistas gregos, teve a ventura de achar são Paulo, em cuja escola haurira a maravilhosa ciência de que o Grande Areopagita lhe faz honra.

Os comentadores gregos de são Dionísio reconhecem eles mesmos que seu Pai Hieroteu era espanhol. Depois de uma estada bastante longa, seja em Atenas, seja na Grécia, no séquito de são Paulo, voltou à pátria, a fim de fazer participar seus compatriotas das luzes do Evangelho.

XIV

Foi ali que morreu, ou voltou para acabar seus dias em Atenas? Parece, pela redação do Martirológio Romano, que essa cidade foi o lugar de sua morte, como fora o lugar de seu nascimento para a verdade.

A 4 de outubro, o Martirológio se exprime assim: «*Em Atenas, natividade de são Hieroteu, discípulo de são Paulo.*»

De acordo com os latinos, os gregos celebram no mesmo dia a festa do ilustre doutor. Lê-se em seu Menológio:

> *Natividade de nosso santo Pai Hieroteu, do número dos Areopagitas que, com o Grande Dionísio, foram instruídos por são Paulo. Depois da vida mais santa, adormeceu no Senhor.*

XV

Se é verdade que Hieroteu morreu em Atenas, não o é menos que uma parte de suas relíquias foi trazida à Espanha. Eis o interessante pormenor que sabemos do sábio Bivário, por longo tempo procurador-geral dos cistercienses junto à Santa Sé.[4]

> *Voltando de Roma — diz —, onde terminara meus Comentários à Crônica de Lúcio Dexter, cheguei à Espanha e detive-me no mosteiro de nossa ordem, em Sandoval, diocese de León. Pus-me a examinar com o maior cuidado as cartas, os relicários e os autênticos das relíquias.*

> *Descobri que ali se conservava a cabeça de são Hieroteu: tal era a tradição dos antigos. Com efeito, o chefe sagrado achava-se bem entre as relíquias, mas o autêntico não existia. Veio-me ao pensamento tirar o véu cuidadosamente atado com ataduras, em que estava envolta, havia séculos, a venerável cabeça. Talvez, dizia comigo, o autêntico esteja no interior.*

XVI

> *E eis que, graças a Deus, um pequeno pergaminho extremamente velho, do comprimento de meio dedo, com uma parte do crânio, aparece aos olhares do abade e de todos os religiosos, trazendo estas palavras gregas: κεφαλὴν Ἱερόθεους (cabeça de Hieroteu). Imensa alegria tomou a todos. Em ação de graças por tão grande dom, o abade ordena uma procissão solene e faz celebrar a missa em honra do santo doutor, no próprio dia da Invenção, que foi 5 de abril de 1625, festa de santo Isidoro.*

> *Todos esses pormenores tornam provável a volta de Hieroteu de Atenas à Espanha e a fundação por ele da Igreja de Segóvia. É, além disso, verossímil que, no tempo da invasão dos sarracenos, os cristãos tenham vindo esconder as preciosas relíquias no mosteiro de Sandoval, situado ao pé das montanhas da diocese de León.*

XVII

É preciso que a França tenha sido objeto da predileção toda particular de Nosso Senhor para que lhe tenha enviado, desde os primeiros dias da Igreja nascente, seus mais íntimos amigos, Marta, Maria e Lázaro; depois são Dionísio, o mais ilustre discípulo do grande Apóstolo. Esse glorioso privilégio, a França o deveu ao título de filha primogênita da Igreja, que lhe estava reservado desde toda a eternidade.

Noblesse oblige. Durante muitos séculos, a França correspondeu admiravelmente à sua missão. Sempre teve, mais que qualquer de suas irmãs, orações, sangue e ouro a serviço de Deus, seu pai, e da Igreja, sua mãe. Por seu lado, Jesus e Maria lhe continuaram sua particular afeição.

XVIII

A essa afeição, mais forte que a morte, a França deve ter conservado a fé, apesar de todos os esforços do inferno para roubá-la. Desde há oitenta anos sobretudo, a conservação da fé na França é um milagre evidente como o dia. Apesar de suas faltas e defecções, a França ainda é a fonte mais fecunda das grandes obras católicas: a Propagação da Fé, a Obra Apostólica, a Santa Infância, e a mãe admirável dos sacerdotes, religiosos e religiosas missionários no mundo inteiro.

Ó França! nação sublime, se soubesses compreender-te! *O Gallia, magnum nomen, si intelligas te!* [5]

Notas

[1] *Ad Areopagum duxerunt Paulum, non ut quippiam cognoscerent, sed ut punirent, et suppliciis afficerent; ibi enim capitalia exercebantur judicia.* («Levaram Paulo ao Areópago, não para que tomassem algum conhecimento, mas para puni-lo e afligi-lo com suplícios; pois ali se exerciam os julgamentos capitais.») Ap. Cor. a Lap., *in Act.* xvii, 19.

[2] Não nos estenderemos mais sobre são Dionísio, de quem o Sr. Davin, cônego de Versalhes, deu uma vida que nada deixa a desejar.

[3] *De Sacerdot.*, lib. IV, p. 504, app. t. I, p. prior., ed. Gaume.

[4] Bivar morreu em 1636.

[5] Ver: Bivar., *Comment. in d. Detr.* an. Christ. 41, n. 3, p. 210, ed. Migne; Bar., an. 288, n. 314; an. 127, n. 121, 122; id., an. 263, n. 6, 7; an. 291, n. 13; an. 537, n. 22, etc.; id., *Annot. ad Martyrol.* 9 octob.; id., 4 octobre; Cor. a Lap., *in Act.* xvi, 34 et suiv., etc.; M. Davin, *Vie de S. Denys*, etc., etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:49 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:49 by Admin